

Arquitecturas e transformação de espaços naturais na Pré-História Recente do Norte de Portugal: Campo de Caparinho, Vilar de Perdizes, Montalegre

Ana M. S. Bettencourt*
António Dinis**

* Prof.^a Auxiliar da Universidade do Minho
anabett@uaum.uminho.pt

** doutorando em Arqueologia pela Universidade do Minho
antoniopdinis@iol.pt

RESUMO

Através da análise de alguns vestígios arqueológicos pretendemos dar a conhecer diversas formas de apropriação do espaço por parte das comunidades pré-históricas do Norte de Portugal. Verificámos, no caso específico de Campo de Caparinho, em Vilar de Perdizes, Montalegre, a existência de arquiteturas monumentais e de espaços naturais transformados, construídos e utilizados entre os inícios do IV e os meados do III milénios AC. Pelo traço destas materialidades admitimos que o local funcionou como um lugar especial, gerador e expressivo de identidade grupal, através de mecanismos de transmissão da memória, durante um vasto período de tempo, para sucessivas gerações. Defendemos, também, que as diferentes expressões de apropriação de Campo de Caparinho, ao longo da Pré-História Recente, se efectuaram numa profunda interacção e diálogo com o meio envolvente, pelo que se admite a inexistência, em termos ideológicos, da dualidade natureza/cultura.

PALAVRAS-CHAVE

Pré-História Recente; Norte de Portugal; apropriação do espaço; arquiteturas; transformações de espaços naturais; cenários especiais; interacção e diálogo com o meio; imperceptibilidade

ABSTRACT

Through the analysis of some archeological remains, it is our purpose to bring to knowledge the various ways of space appropriation among the pre-historical communities in northern Portugal. We have verified, in the specific case of Campo de Caparinho, in Vilar de Perdizes, Montalegre, the existence of monumental architectures and of natural spaces transformed, built and used between the beginnings of the IV millennium and the middle of the III millennium BC. Based upon the specificities of these materialities, we assume that this place has been used as a special spot for generating and expressing the group identity (through mechanisms of transmission of memory), during a long period, for different generations. It is also our belief that the different expressions of space appropriation in Campo de Caparinho throughout Later Pre-History have been carried out in a deep interaction and dialogue with the environment, in such a way that lead us to assume the nonexistence, ideologically speaking, of the duality nature/culture.

KEY WORDS

Later Pre-History; North of Portugal; space appropriation; architectures; transformation of the natural spaces; special sceneries; interaction and dialog with the environment; non perceptivities

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta das conclusões da investigação efectuada no âmbito do sub-projecto *Manifestações simbólicas e povoamento do Neolítico à Idade do Ferro entre o alto Cávado e o alto Tâmega (Norte de Portugal)*¹ desenvolvido entre 2002 e 2003, no quadro do projecto geral *The Entre-Douro-e-Minho landscape since middle of III to the end of II millenium BC*, aprovado e financiado pela Fundação para a

Ciência e Tecnologia, em 2001, com fundos FEDER e, posteriormente, aprovado pelo IPA.

A área de trabalho localiza-se na margem esquerda do rio Assureira, mais precisamente, em Campo de Caparinho e áreas adjacentes, pertencentes à freguesia de Vilar de Perdizes (S. Miguel), concelho de Montalegre, numa região

¹ Então inscrito no Centro de Ciências Históricas e Sociais (CCHS) da Universidade do Minho, com a referência HIST/02/PC.01.

fronteira com Espanha. Ai, inventariámos e estudámos várias estações arqueológicas desde a Pré-História Recente à Contemporaneidade, na perspectiva de percepcionarmos as alterações da paisagem e os seus “sentidos”, na longa duração (Bettencourt, 2004, 2005; Bettencourt *et al.*, 2004, 2005; Bettencourt & Dinis, no prelo).

Tendo em conta os objectivos deste Simpósio o texto reportar-se-á à interpretação de apenas alguns vestígios da Pré-História Recente.

2. LOCALIZAÇÃO

Campo de Caparinho é uma área com extensão considerável, marcada por planaltos a diferentes altitudes que, de forma suave, descem para o rio Assureira, afluente do Tâmega, bacia do Douro, o que faz deste lugar um verdadeiro corredor de circulação de pessoas e bens (Figs. 1 e 2).

Nesta zona o vale deixa de ser encaixado para se espalhar pelas planícies a norte, ocorrendo aqui um dos acidentes naturais mais significativos deste rio, designado, popularmente, por Olas. Trata-se de um local impressionante devido à concentração de afloramentos graníticos sobre o leito do rio que, aqui, corre subterraneamente, durante cerca de 1 Km. Na época estival é possível a circulação humana, por via subterrânea.

Estamos, pois, perante um acidente geológico, que, desde sempre, deve ter constituído um verdadeiro marco na paisagem local.

Segundo a Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, n.º 2-D (Vilar de Perdizes), o substrato rochoso da região é composto por granitos alcalinos, de grão médio a grosseiro, de duas micas, com abundantes afloramentos à superfície, alguns deles formando abrigos. Nas imediações registam-se, também, intrusões xistosas.

O revestimento vegetal é predominantemente aberto, composto por plantas herbáceas e arbustivas apesar de existirem manchas de bosque com árvores da floresta climática, como os carvalhos e os castanheiros, alguns destes de planificação recente.

Os terrenos, por vezes formando socacos, estão divididos por muros, revelando a intensa actividade agrícola desenvolvida até meados do séc. XX. As ruínas de um abrigo de pastores e/ou de gado, indica a importância que a pastorícia assumiu no passado.

3. ARQUITECTURAS MONUMENTAIS E ESPAÇOS NATURAIS TRANSFORMADOS

Em termos arqueológicos, em Campo de Caparinho existe um conjunto de achados inseríveis na Pré-História Re-

cente mais precisamente, entre a primeira metade do IV milénio e os meados do III AC², ou mesmo um pouco mais tarde (Fig. 3). Referimo-nos a algumas **arquitecturas monumentais** como é o caso de monumentos sob *tumuli*, assim como **espaços naturais transformados**, pontuados por gravuras rupestres.

Pelo menos, a partir da primeira metade do IV milénio AC inscrevem-se as primeiras evidências da modificação da paisagem através da construção de arquitecturas monumentais. Reportamo-nos a diversos monumentos megalíticos, com polissemia de funções, locais simultaneamente de enterramento, de culto aos mortos, de cultos associados ao fogo, entre outros, tal como nos indicia o **Túmulo 1 de Campo de Caparinho**, o único até agora escavado e que data, radiometricamente, daquela data (Bettencourt *et alii*, no prelo).

Trata-se de um monumento de pequenas dimensões, com cerca de 2,80 m de diâmetro e menos de 1 m de altura, tendo em atenção a dimensão de um esteio intacto e o que nos pareceu ser a sua posição correcta (Fig. 4). A sua construção é atípica, dado ter reaproveitado, profusamente, um afloramento granítico que lhe está subjacente, embora nas áreas onde este é mais profundo seja visível um contraforte, terras do *tumulus* e resquícios de uma couraça lítica superficial, apenas preservada parcialmente. Apesar da área da câmara estar muito destruída, esta seria pequena e teria ocultado um ou vários enterramentos acompanhados de espólio cerâmico. A importância deste monumento reside, também, nas evidências de rituais ligados ao fogo subentendidas pela existência de uma lareira situada a norte da câmara funerária. Como curiosidade, destacamos que, segundo dados da antracologia, ela terá sido usada apenas uma vez, dada a uniformidade do combustível seleccionado (pinheiro de tipo silvestre)³, embora pudesse ter atingido grandes temperaturas e provocado chamas altas e bem visíveis na paisagem.

Interessante parece ser, igualmente, um fragmento de seixo, depositado na lareira, pois não sendo um elemento local, teve que ser trazido da zona fluvial, adjacente. Deste modo, poderá ser verosímil admitir que houve uma intenção ideológica de associar a água e o fogo à fundação do monumento, num conjunto de significações simbólicas que nos escapam.

A colocação de um cristal de quartzo e de vários quartzos leitosos, feldspatos e xistos, no interior do contraforte, essencialmente efectuado com blocos de granito, parece evidenciar rituais em que diferentes rochas e minerais assumem, também, papel significativo na construção do túmulo.

Na segunda metade do IV milénio AC, documentam-se os primeiros espaços naturais transformados. Esta realidade é

² Conforme datas de radiocarbono.

³ Informação de Isabel Figueiral a quem agradecemos a análise de antracologia efectuada.

atestada por um pequeno abrigo, em xisto, existente na **Crista de Caparinho**, a cerca de 150 m para Nor-noroeste do túmulo 1, local com uma excepcional visibilidade para o vale do Assureira (Dinis & Bettencourt, em preparação) (Fig. 5).

No topo exterior deste abrigo/esconderijo foram efectuadas gravuras rupestres por picotagem, numa composição abstracta, formada por covinhas isoladas ou em grupos, comprovando a continuidade de utilização de Campo de Caparinho como lugar cerimonial (Fig. 6).

Sob o abrigo, com abertura virada a poente, e nas áreas contíguas, exumaram-se fragmentos de vasos cerâmicos, algumas ossadas e depositaram-se dois moinhos moventes, inteiros, ambos com as faces de moagem viradas para o solo (Fig. 7).

Este depósito parece relacionar-se com cultos associados à fertilidade agrícola e revelar a importância da cosmologia solar no sistema ideológico das comunidades que fizeram deste local um cenário especial e ritual.

Sensivelmente por este período, ou talvez já no III milénio AC, foi transformado outro espaço natural. Trata-se do **Penedo do Matrimónio** que, pelas características do suporte rochoso, pela simbologia das suas gravuras e pelo seu contexto espacial, se pode considerar um cenário cerimonial associado à fertilidade (Bettencourt *et alii*, 2004).

O Penedo do Matrimónio corresponde a um aglomerado rochoso onde se gravaram dois antropomorfos, um masculino e outro feminino, com representações *expressionistas* dos respectivos órgãos sexuais, em associação com possíveis armas. A fertilidade humana infere-se, igualmente, pela existência de uma depressão rectangular no suporte rochoso, com orientação poente-nascente, adossada ao painel gravado. Tal característica, em forma de "cama sugerida"⁴, é única nos afloramentos da zona o que, provavelmente, terá contribuído para a sua escolha, como local particularmente simbólico (Figs. 8 a 10).

O estudo do contexto destas gravuras permitiu-nos constatar a forte ligação existente entre este sítio e os elementos primordiais da natureza (água, sol, lua), talvez a perpetuar cosmologias anteriores.

Foi escolhido um lugar isolado relativamente escondido no seio do caos de blocos existente na vertente oeste do rio Assureira, onde o ruído do rio é elemento omnipresente.

A relação do santuário com o sol faz-se pela localização da "cama sugerida", orientada de nascente para poente, sendo obrigados os utilizadores a fixarem o nascente, facto que é condicionado pela sua inclinação.

A associação lunar não é de menosprezar, pois a lua cheia, que aparece a Este, incide directamente sobre a "cama sugerida", localizada ao lado das gravuras antropomórficas.

Tal situação ocorre pelo facto desta parte da rocha ter maior quantidade de mica como mineral constituinte, tornando-se, por isso, mais clara e brilhante com o luar. Na expe-

riência efectuada na noite de lua cheia de Setembro de 2003, verificámos que quem está deitado na depressão referida é "banhado", de imediato, pelo luar que, também, visualiza.

Tendo em conta as características deste lugar ele poderá considerar-se um espaço emocional onde, a par de rituais de fecundidade, se efectuariam pedidos especiais. Tal, é sugerido pela posição das pernas, dobradas, dos braços erguidos e das mãos das personagens o que indicia estarmos perante orantes que invocariam as forças vitais da natureza.

É difícil explicar os símbolos triangulares nas extremidades dos pés de cada uma das figuras. Seriam oferendas profiláticas para assegurar a fecundidade ou um bom parto? Em caso afirmativo não seria descabido considerá-las como artefactos metálicos, talvez punhais triangulares, peças cujo valor social e simbólico aumentaria o valor da dádiva.

4. A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM

Passemos agora a alguns objectivos deste simpósio e à tentativa de verificarmos como é que eles se articulam com o que interpretámos em Campo de Caparinho.

Segundo Susana Oliveira Jorge pretende-se dar a conhecer diversos tipos de lugares especiais, perceber como estes lugares dialogam e interagem com o meio envolvente e se a condição de visibilidade está inerente à construção destes tipo de lugares.

Em relação ao primeiro objectivo e tendo em conta o que foi dito, durante grande parte do IV e, pelo menos, a primeira metade do III milénio AC, Campo de Caparinho foi um "lugar especial", em que se articularam, talvez num "tempo não linear" e de forma revisitada, **arquitecturas monumentais**, transformadoras da paisagem inicial (os monumentos sob *tumuli*), com lugares construídos através do **reaproveitamento de elementos da natureza** (o abrigo e os afloramentos com arte rupestre).

Este espaço poderá interpretar-se, assim, como um lugar especial, em termos físicos e ideológicos, **cheio de história e de sentidos**, eventualmente transmitidos, de geração em geração, através de diferentes práticas de transmissão da memória, geradoras e expressivas de identidade grupal e de coesão social.

As ocasiões cerimoniais e as *performances* corporais, práticas inerentes à construção da memória, segundo P. Conneron (1993), parecem relacionar-se, em Campo de Caparinho, com a ligação aos antepassados, aos ciclos de vida dos homens e das plantas (nascimento e morte), aos ciclos solares (dia e noite) e aos elementos essenciais da natureza,

⁴ Designação dada na Galiza a determinadas superfícies rochosas associadas a cultos da fertilidade que sugerem um leito (Carro Otero & Masa Vazquez 1981).

tais como a terra, a pedra, a água e o fogo, numa profunda interacção e diálogo com o meio envolvente. Assim, em relação ao segundo objectivo parece óbvio a **inexistência, em termos ideológicos, de uma dualidade natureza/cultura**, no seio das comunidades que consideraram Campo de Caparinho como o seu território de pertença.

Sabemos que durante a construção do túmulo 1 (na primeira metade do IV milénio AC) existiam pinheiros silvestres e ericáceas, no local. Segundo Isabel Figueiral, dada a altitude do sítio, à volta de 700 m, é possível crer que existisse um bosque com domínio deste tipo de árvores e com um coberto arbustivo composto, essencialmente, por ericáceas. Mesmo admitindo que em redor do monumento se tivesse construído uma clareira, o que não está confirmado arqueologicamente, é limitada a possibilidade de que este monumento e, talvez os outros existentes na área, pudessem ser vistos de muito longe. O mesmo se poderá inferir a partir das características físicas dos outros locais ritualizados, ou seja, da Crista de Caparinho, do Penedo do Matrimónio e de muitos outros afloramentos pontuados com gravuras rupestres existentes no local. Assim sendo, a **questão da importância da visibilidade** destes locais na paisagem terá que ser mitigada. Pelo contrário, em Campo de Caparinho, parece-nos mais relevante a sua **imperceptibilidade**, ou seja, o facto de os locais construídos ou reaproveitados se camuflarem na paisagem ou de a “imitarem”, leitura possível para os monumentos sob *tumuli*, segundo A. Whittle (1996). Deste modo, estes lugares cerimoniais e de memória, seriam **cenários intimistas**, “vistos” e conhecidos pela sua mistificação, necessárias para justificar a exclusão dos “outros” e a ascensão ao poder de quem os cria e os mantém activos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTENCOURT, A. M. S.
2004. Um caso paradigmático de património arqueológico e antropológico na fronteira de Portugal e Galiza. *Actas do II.º Congresso Internacional Investigação e Desenvolvimento Socio-Cultural*, Associação para a Investigação e Desenvolvimento Socio-Cultural (AGIR), Paredes de Coura, publicado em CD-ROM com a referência BETTENCOURT.PDF.
2005. A transformação da paisagem e a construção de lugares de memória durante a Pré-história Recente do Norte de Portugal: o vale de Assureira. *Actas das XVI Jornadas sobre a função Social do Museu. Ecomuseu do Barroso – Identidade e Desenvolvimento*, pp. 109-123. Minom – Movimento Internacional para uma Nova Museologia. Câmara Municipal de Montalegre e Ecomuseu do Barroso, Montalegre.
- BETTENCOURT, A. M. S. & DINIS, A.
(no prelo). “Special places” in the Recent Prehistory of the North of Portugal: Campo de Caparinho, Montalegre as a case study. In A. Choyke & I. Barbiera (ed.), *Social Change, Stability and the Use of Memory in Past Societies*. BAR International Series, Ed. Archaeopress.
- BETTENCOURT, A. M.; DINIS, A. & LOUREIRO, L.
(no prelo). O Túmulo 1 de Campo de Caparinho, Vilar de Perdizes (Norte de Portugal). *Estudos Pré-Históricos*, 13. Viseu.
- BETTENCOURT, A. M.; SANCHES, M. J.; CRUZ, C. S. & DINIS, A.
2004. The rock engravings of Penedo do Matrimónio in Campo de Caparinho, Vilar de Perdizes, Montalegre (Northern Portugal). *Journal of Iberian Archaeology*, 6: 61-82. Porto, ADECAP.
- CARRO OTERO, J. & MASA VAZQUEZ, M. C.
1981. “Santuários” impetratórios da la fecundidade humana, en Galicia. *I.º Colóquio Galaico-Minhoto*, vol. 2: 233-247. Ed. Associação Cultural Galaico-Minhota, Ponte de Lima.
- CONNERTON, P.
1993. *Como as sociedades recordam*. Ed. Celta, Oeiras.
- DINIS, A. & A. M. S. BETTENCOURT
(em preparação). O sítio Neo-Calcolítico da Crista de Caparinho, Vilar de Perdizes, Montalegre (Norte de Portugal).
- FONTES, A. L.
1990a. Pedras que falam. *Notícias do Barroso*, 95, Setembro, p. 1.
1990b. Roteiro monumental. *Notícias do Barroso*, 105, Setembro, p. 4.
- KNAPP, A. B & ASHMORE, W.
1999. Archaeological landscapes: constructed, conceptualized, ideational. In A. B. Knapp & Knapp (eds.), *Archaeologies of landscape. Contemporary Perspectives*, pp. 1-30. Oxford, Blackwell.
- JORGE, S. O.
1999. *Domesticar a terra*. Ed. Gradiva.
- VV. AA.
2002. *Identidade. Identidades*. Ed. ADECAP, Porto.
- WHITTLE, A.
1996. *Europe in the Neolithic. The making of new worlds*. Ed. Cambridge University Press, Cambridge.

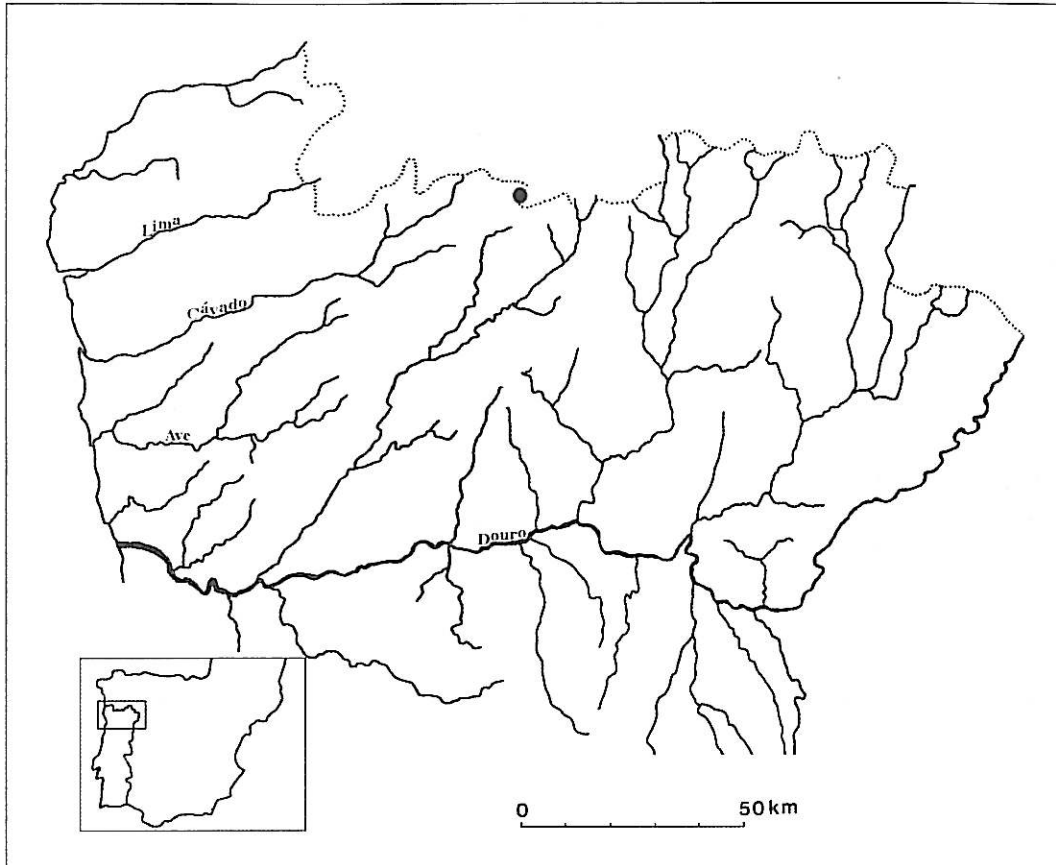


FIGURA 1. Localização de Campo de Caparinho no Norte de Portugal.



FIGURA 2. Vale do Assureira visto de Campo de Caparinho.



FIGURA 3. Campo de Caparinho com a localização do Penedo do Matrimónio e do Túmulo 1.



FIGURA 4. Túmulo 1 de Campo de Caparinho.



FIGURA 5. TUMULO 1 de Campo de Caparinho e Crista de Caparinho.



FIGURA 6. Superfície exterior do abrigo da Crista de Caparinho.

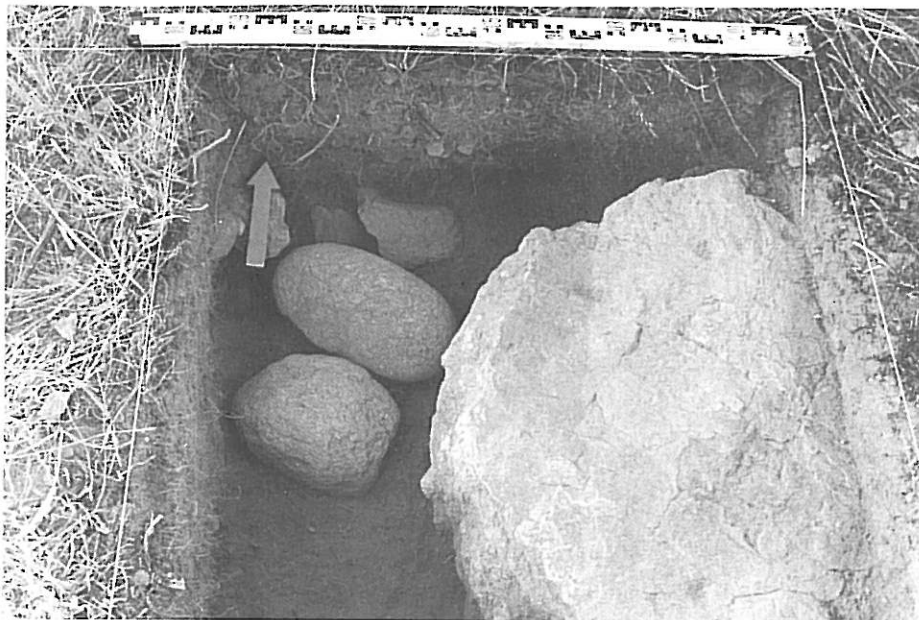


FIGURA 7. Abrigo da Crista de Caparinho com depósito dos moinhos moventes.



FIGURA 8. Penedo do Matrimónio: vista geral do suporte rochoso.

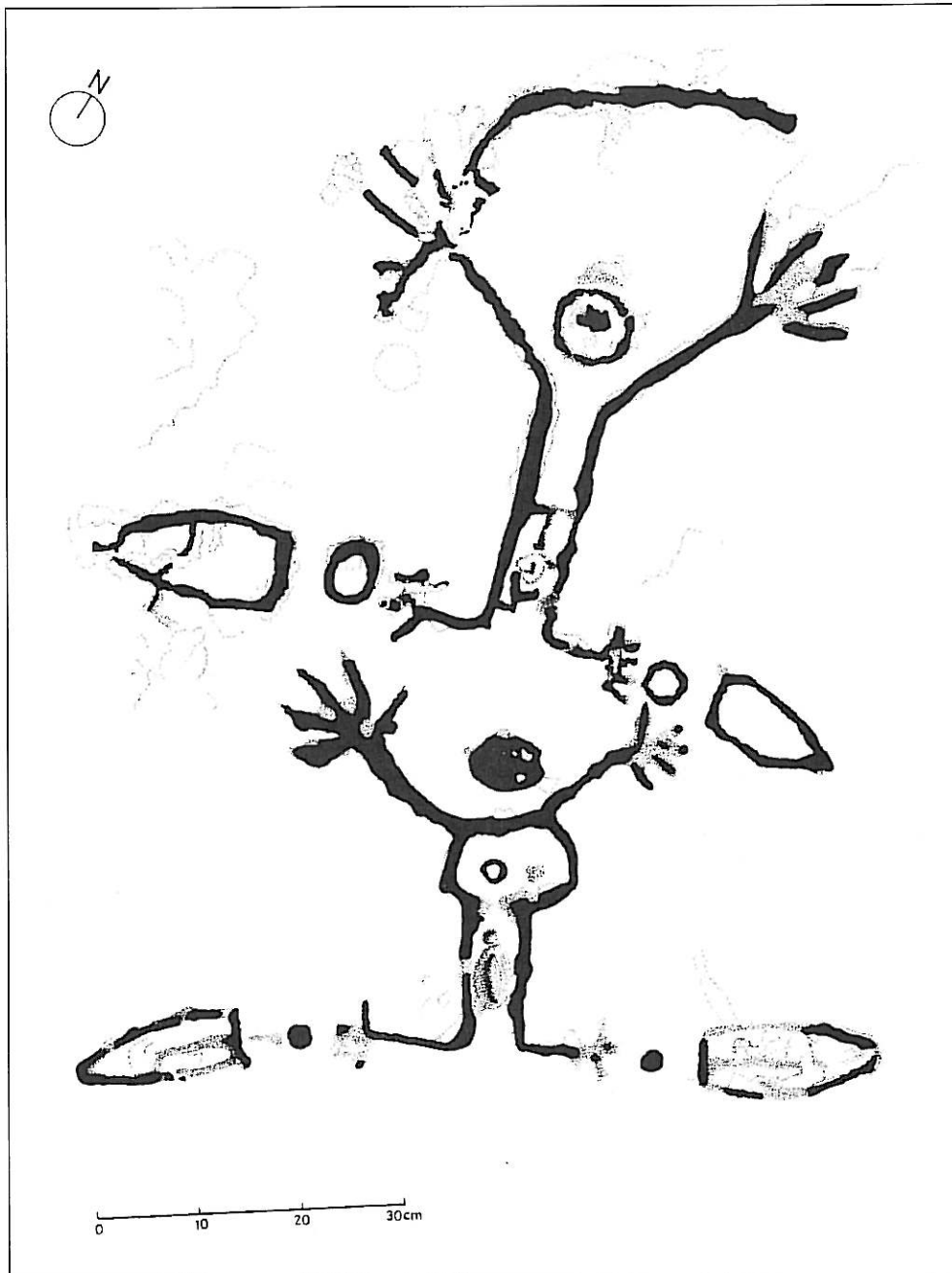


FIGURA 9. Penedo do Matrimónio: gravuras antropomórficas.



FIGURA 10. Penedo do Matrimónio: representação das gravuras antropomórficas.